



Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015

I Seminário de Projetos Integrados
I Jornada de Extensão
I Seminário de Iniciação Científica
I Encontro de Pós-Graduação

MITO-POÉTICAS KÿIKATÊJÊ: REPERTÓRIOS CULTURAIS “TECTÔNICOS” EM “DEVIR” COM PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO BILÍNGUE

Juliana do Monte Gester¹ - Unifesspa
Sue Rivera Ikeda² - Unifesspa
Hiran de Moura Possas³ - Unifesspa

Agência Financiadora: PIBEX/PROEX

Eixo Temático/Área de Conhecimento: Educação

1. INTRODUÇÃO

Desde sempre, nos encontros de alteridades, há relações de poder assimétricas entre os povos. Com o povo Gavião Kÿikatêjê não tem sido diferente. A comunidade indígena, localizada na Reserva Indígena (RI) Mãe Maria no município de Bom Jesus do Tocantins, no KM 25 da BR 222, é protagonista de duras lutas e intensos recomeços. O contato desse grupo com os não indígenas foi intensificado com a abertura da PA-150 na década de 1970, quando os primeiros encontros foram marcados por perdas e lutas, principalmente por conta do extrativismo vegetal – “a busca desenfreada por produtos naturais na floresta, como o caucho e a castanha-do-pará, entre outros, levaram os não indígenas a invadirem as áreas tradicionalmente ocupadas pelos indígenas, o que gerou atritos, alguns dos quais violentos, culminando em morte de ambos os lados e levando ao recrudescimento das relações” (SOARES; FARIAS, 2011, p. 312), tendo, desde então, que se reinventar e readaptar sua língua materna, o Kÿikatêjê, e seus costumes.

As situações de contato com os não indígenas podem tanto gerar benefícios quanto consequências para os indígenas. Do ponto de vista linguístico, a maior interferência talvez seja a ameaça da perda da língua indígena, ou até mesmo o surgimento de relações de diglossia, onde a segunda língua “pode ser vista como a de maior prestígio e de maior valor, em detrimento da língua nativa, que será vista como língua de valor inferior, cuja consequência mais extrema poderá ser o desaparecimento da língua indígena” (SOARES; FARIAS, ano). Atualmente, o uso do Português predomina na maioria dos contextos e situações na aldeia Kÿikatêjê, situação que causa preocupação, principalmente entre os mais velhos que veem sua língua perdendo forças.

A escola Tatakti Kÿikatêjê, originalmente funcionava anexa no município de Bom Jesus do Tocantins, apoiada pelo governo do Estado, com a oferta das séries iniciais do Ensino Fundamental e após muitas lutas a Escola Indígena Estadual de Educação Infantil a Ensino Fundamental e Médio Tatakti Kÿikatêjê foi construída na aldeia em 2001, o que ocasionou a inserção das datas importantes de atividades culturais no calendário escolar e a participação da escola nos eventos, cuja realização não seria possível caso a escola continuasse em outro local que não a aldeia. O calendário escolar fica a disposição da comunidade indígena. No esforço coletivo, dos membros da comunidade, para preservar os costumes e a língua, a escola é vista como um ganho, um empenho coletivo que gerou impactos favoráveis. Entretanto, a escola infelizmente ainda não conta com professores indígenas para atender a todos os níveis e a todas as matérias,

¹ Graduanda do Curso de Letras-Português, FAEL, ILLA. Bolsista do Projeto de Extensão Mito-Poéticas Kÿikatêjê: Repertórios culturais “tectônicos” em “devir” com práticas de educação bilíngue. E-mail: julianamgester@gmail.com. Professor-Doutor da Faculdade de Educação do Campo. Coordenador do Projeto de Extensão Mito-Poéticas Kÿikatêjê: Repertórios culturais “tectônicos” em “devir” com práticas de educação bilíngue. E-mail: hiranpp@hotmail.com.

² Graduanda do Curso de Letras-Português, FAEL, ILLA. Bolsista do Projeto de Extensão Mito-Poéticas Kÿikatêjê: Repertórios culturais “tectônicos” em “devir” com práticas de educação bilíngue. E-mail: sueikeda10@gmail.com.br.

³ Professor-Doutor da Faculdade de Educação do Campo. Coordenador do Projeto de Extensão Mito-Poéticas Kÿikatêjê: Repertórios culturais “tectônicos” em “devir” com práticas de educação bilíngue. E-mail: hiranpp@hotmail.com.



Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015

I Seminário de Projetos Integrados
I Jornada de Extensão
I Seminário de Iniciação Científica
I Encontro de Pós-Graduação

sendo necessário introduzir professores não indígenas no corpo docente. A constante lembrança da necessidade de formar professores indígenas bilíngues persiste.

Nesse cenário, o Programa de Extensão “Mito-poéticas Kÿikatêjê: repertórios culturais “tectônicos” em “devir” com práticas de Educação Bilíngue/UNIFESSPA está inserido, tentando promover um encontro de alteridades, uma tentativa de diminuir as relações também assimétricas da universidade com os povos indígenas.

A proposta do programa é, dialogando com a comunidade, liderada por Zeca Gavião Kÿikatêjê, aprender seu sistema linguístico, aspectos da cultura e narrativas míticas, para relocá-las, experimentalmente, para as práticas cognitivas na escola, preferencialmente em material pedagógico bilíngue.

O fato da língua materna está restrita aos anciões da aldeia constitui mais um motivo para a existência do programa. Os jovens, iniciados na Língua Portuguesa, pouco conhecem sua língua, que gradativamente vai sendo cada vez mais substituída. Visando a riqueza da língua Kÿikatêjê e a enorme perda que provocaria a este povo a sua extinção, o Programa de Extensão Mito-Poéticas Kÿikatêjê busca a edificação de uma proposta experimental de material didático na língua ancestral. Para isso primeiramente faz-se necessário realizar uma estimativa de quantos professores há na escola da aldeia e, desses, quantos falam a língua. Estabelecer um diálogo com esses professores será o próximo passo: encontrar suas reais dificuldades no ensino, e a partir disso elaborar um material didático para ser utilizado na escola, um material que possa contemplar não somente a língua, mas algo da cultura, como lendas e mitos, ou até mesmo ações do cotidiano (a corrida da torra, o arco e a flecha) que queiram deixar para as gerações futuras.

Outra ação pensada foi a construção de um blog com as principais realizações do projeto, alimentado com algumas memórias dos encontros na aldeia, os eventos onde o programa foi apresentado, transcrições de conversas com os mestres culturais, além dos pensamentos de alguns membros da comunidade. Pensando na pouquíssima informação disponível na internet a respeito dos Kÿikatêjê, este blog torna-se valioso por abrigar algo além do famoso “primeiro time de futebol indígena brasileiro”. Almeja-se que os próprios indígenas possam contribuir e interagir para essa ferramenta, visto que as redes sociais e os meios eletrônicos tem forte presença na comunidade, principalmente entre os adolescentes.

2. MÉTODOS E MATERIAIS

Para a realização deste trabalho a Cartografia tem forte presença, pois:

Ora considerada ciência, ora considera arte, a cartografia enquanto técnica ou ferramenta sempre considerou a visão e o objetivo de um indivíduo ou grupo social para transcreever informações que representassem sua realidade, os limites do espaço geográfico, de seu território ou suas rotinas de caça, pesca ou produção agrícola. (MENDONÇA, 1997)

Entretanto, não se trata exclusivamente da Cartografia Tradicional, que objetiva, segundo Mendonça (1997), representar graficamente a superfície terrestre através de mapas. Os “mapas” aqui utilizados não estão centralizados apenas na questão “Onde?”, mas pensam o que esse ponto/localidade representa para um indivíduo ou grupo. Esta é a Cartografia Social: a arte e a ciência de mapear formas de ver. Essa cartografia inovadora pode dar voz às comunidades de base e aos grupos desfavorecidos, pois é capaz de dizer muito sobre cada lugar, caracterizá-lo, envolvendo ideologias, saberes, manifestações culturais e questões políticas.

Os mapas da Cartografia Social oferecem representações provisórias abertas a uma constante revisão; assim como a cultura, que é dinâmica, esses mapas não devem ser fixos.

Tendo essa cartografia em mente, objetiva-se reunir narrativas culturais para compor o material didático planejado. O meio utilizado para chegar a essas narrativas é a entrevista. Na realização desta, exercemos “a arte de ouvir” (PORTELLI, 1997, p. 10) e seguimos o conselho de Thomson (1997), de que nada deve ser descartado; tudo pode ser aproveitado, mesmo um simples gesto de recusa ou um silêncio. As reminiscências Kÿikatêjê são ricamente detalhadas e a experiência está contida nas palavras dos moradores e professores da aldeia Gavião.

Portelli (1997) fala bastante sobre a ética; a arte de entrevistar, o quanto o respeito deve estar presente em nossas atitudes e que é uma pesquisa bilateral, pois o entrevistado também observa o



Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015

I Seminário de Projetos Integrados
I Jornada de Extensão
I Seminário de Iniciação Científica
I Encontro de Pós-Graduação

entrevistador e cria uma imagem dele. A preocupação com a oralidade e a dificuldade ao transcrever, pois a escrita nunca será capaz de expressar verdadeiramente e fielmente a fala. A memória não é passado, é articulação do presente, do passado e do futuro; ela também é lembrança e esquecimento, porque só se lembra o que se esquece; ela é uma ponte para o passado.

As transcrições requerem bastante atenção ao que o entrevistado diz: deve-se transcrever exatamente como ele disse, com todos os erros e vícios; além de colocar todos os detalhes, se piscou, se tossiu, se desviou o olhar ou se houve pausa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Programa de Extensão Mito-Poético Kÿikatêjê acaba de completar um ano de atividade e o povo da RI Mãe Maria continua a nos ensinar. Nesses corridos meses, fomos capazes de experimentar situações “estranhas” e novas, mesmo tendo tido poucas oportunidades para ir até a aldeia – a distância e o difícil acesso a comunidade compõem alguns dos fatores que impedem encontros mais frequentes, no entanto, o tempo é o maior estranhamento que encontramos nesse período. Essa é uma importante particularidade, não só indígena, mas Kÿikatêjê: a forma de ver o tempo é completamente diferente do nosso estilo ocidentalizado, onde existe hora para tudo e estamos “correndo para todos os lados”. O luto prolongado da “Vovó” – mãe do cacique Zeca Gavião e um dos últimos anciãos que falam a língua materna - nos mostra a importância da vida para esses indígenas e como eles veem a morte; devido a esse luto não houve ocasião para entrevistá-la. Assim, vemos como a nossa cultura sempre se choca com detalhes de outra. Dessa forma é necessário exercer a reflexão em tudo o que já foi visto e o que será, e não observar por observar, pois a característica da sensibilidade não deve ser implantada, mas precisa surgir e desenvolver-se. Para não desabar no erro de exercer um “contato vampiresco” (MALINOWSKI, 1976) e trocar grandes aprendizados por meros dados coletados do “objeto de estudo”.

Os professores da escola Takti sempre se mostraram receptivos e a apresentação do programa foi bem aceita. Algumas entrevistas foram feitas e depois transcritas; as entrevistas nos mostraram que precisávamos (e ainda precisaremos) ouvir, pois como disse Portelli (1997), “a arte essencial do historiador oral é a arte de ouvir”. O acervo do programa conta ainda com algumas narrativas filmadas em Kÿikatêjê (que aguardam transcrição na língua). O material didático proposto foi visualizado com essas narrativas e entrevistas, que englobam mitos e lendas, além de textos do dia-a-dia, como confecção de objetos e utensílios (arco e flecha, lança, pandeiro, tora, entre outros) e histórias.

O Programa possui uma memória visual bem extensa, onde em todas as fotos uma simbologia por trás das imagens capturadas era procurada, almejando criar narrativas a partir das fotografias. Algumas delas “alimentam” o blog, já citado anteriormente, e alguns trabalhos apresentados, tais como artigos, banner e slides usados em comunicações orais.

Houve oportunidades para apresentar este projeto com os Kÿikatêjê pelos componentes do programa em eventos, inclusive no I Tradinter em Bragança/PA, além do I Congresso Internacional sobre Estudos Interculturais em Dourados/MS e o XIV Congresso ABRALIC em Belém/PA.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entretanto em seu segundo ano, o Programa de Extensão Mito-Poéticas Kÿikatêjê tem muitos “sonhos” em mente. Os objetivos finais já foram revistos diversas vezes e, com o tempo nos ensinando, adaptados a nossa realidade e ao nosso alcance. Com a recente renovação do Programa, um novo orçamento permite realizar algumas atividades que já estavam sendo cogitadas antes. Parte dessa verba está destinada a trazer à universidade os Diálogos Culturais, alguns personagens Kÿikatêjê, que possuem uma fala muito representativa para demonstrar à comunidade acadêmica a situação atual da aldeia e falar sobre eles, além de apresentar questões políticas, sociais e culturais.

A necessidade de ir com maior frequência à aldeia Kÿikatêjê sempre foi sentida por todos os membros do programa. A nova verba nos permitirá suprir essa necessidade, estreitando cada vez mais as barreiras que separam a universidade – a sociedade também, de certa forma – da comunidade indígena e,



Unifesspa - 21 a 25 de Setembro de 2015

I Seminário de Projetos Integrados
I Jornada de Extensão
I Seminário de Iniciação Científica
I Encontro de Pós-Graduação

talvez incentivar futuros contatos significativos não só com os Kyikatêjê, visto que a região conta com dez etnias diferentes.

Um calendário foi esboçado (sempre sujeito a alterações) e o diálogo com a aldeia, principalmente com os líderes indígenas, está mais forte. Somando esse fato com a verba e o grande apoio e interesse da faculdade, talvez seja possível agora realizar as programações pensadas anteriormente. Oficinas (Formação para bolsistas) foram marcadas e datas para os Diálogos Culturais foram confirmadas.

O blog também está contido nesses “sonhos”, pois desde o princípio ele foi elaborado e criado para ser assumido pelos próprios moradores da comunidade posteriormente; numa Autocartografia, onde eles mesmos se representarão. Essa necessidade também foi sentida pelos moradores da aldeia: Concita Sompré – coordenadora na escola e esposa do cacique Zeca Gavião – cita o termo “multiplicadores” ao falar da língua e continua ao expressar que não basta saber, é preciso passar adiante o conhecimento; “poucos sabem falar e os que sabem tem dificuldade em ensinar”.

REFERÊNCIAS

BARBERO, Jesus Martín. **Ofício de Cartógrafo - Travessias latino-americanas da comunicação da cultura**. Tradução: Fidelina Gonzáles. Coleção Comunicação Contemporânea 3, São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FERNANDES, R. F.; CARDOSO, W. R. S.; SÁ, J. D. M. **Os usos e a proteção da floresta pelo povo Kyikatêjê: Soberania e autodeterminação**. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 26, 2008, Porto Seguro-BH.

GOROSTIAGA, Jorge M. cartografia Social. In: OLIVEIRA D. A.; DUARTE, A. M. C.; VEIRA, L. M. F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. (Introdução). São Paulo: Abril Cultural, 1976 [1922].

MENDONCA NETO, Ozimo. A Cartografia Inovadora: Uma Reflexão sobre a Cartografia Social Ciência ou Arte? In: **XIV Encuentro de Geógrafos de América Latina (EGAL), 2013, Lima**. Anales del XIV Encuentro de Geógrafos de América Latina: Reencuentro de Saberes Territoriales Latinoamericanos. Lima - Peru: Unión Geográfica Internacional Perú, 2013. v. 1. p. 1-13

PORTELLI, Alessandro. **Tentando Aprender um Pouquinho**. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: *Projeto História*. São Paulo, v.15, p. 13-33, abr. 1997.

SILVA, Marília de Nazaré Ferreira. **Descrição fonético-fonológica do Kyikatêjê**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 49, n. 1, p. 56-65, jan./mar. 2014.

SOARES, E. P. M; FARIAS, C. G. **Notas sobre a situação sociolinguística da Aldeia Indígena Kyikatêjê Amtátí**. In: Ana Suelly Cabral; Ryon Rodrigues. (Org.). VII Encontro Macro Jê. Brasília: Editora da UNB, 2011, v. 2, p. 311-326.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. In: *Projeto História*, São Paulo, v.15, p. 51-71, abr. 1997.